

Ensino de construções passivas analíticas e sintéticas em materiais didáticos e paradidáticos.

Eneile Santos SARAIVA¹

Resumo

O principal objetivo deste artigo é analisar a maneira como construções passivas são apresentadas em materiais didáticos e paradidáticos utilizados no ensino de Língua Portuguesa, especificamente em livros destinados às séries do ensino médio e em sites que possuem como principal objetivo auxiliar o estudante com conteúdos para pesquisas escolares. Busca-se compreender como a temática é abordada, ou seja, se há menção ao seu uso nas seguintes perspectivas: (i) com função discursiva e (ii) como estratégia de indeterminação, principalmente no que tange ao uso das chamadas construções passivas sintéticas. À descrição normativa das construções passivas sintéticas são tecidas críticas, principalmente, referentes ao caráter da partícula SE e a dúvida sobre a sua semântica ser apassivadora ou indeterminadora. Almeja-se que, por meio deste trabalho, com orientações da teoria funcionalista (Cf. HALLIDAY, 1994; DIK, 1989), haja a possibilidade para uma abordagem crítica da temática, que considere a realidade de uso das respectivas formações em análise, em salas de aula da Disciplina Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de língua. Indeterminação. Passivação. Clítico SE.

Abstract

The main objective of this article is to analyze the way passive constructions are presented in didactic and other materials used in the teaching of Portuguese Language, specifically in books destined to high school series and in websites that have as main objective to help the student with contents for researches school children. It is sought to understand how the subject is approached, that is, if there is mention of its use in the following perspectives: (i) with discursive function and (ii) as a strategy of indeterminacy, especially with respect to the use of synthetic passive constructions. The normative description of synthetic passive constructions are critically related, mainly, to the character of the SE particle and the doubt about this having a passivation or indeterminating semantics. It is hoped that, through this work, with the guidance of the functionalist theory (HALLIDAY, 1994; DIK, 1989), there is the possibility for a critical approach to the subject, which considers the reality of the use of the respective formations under analysis, in classrooms of the Portuguese Language discipline.

Keywords: Language teaching. Indeterminacy. Passivation. Clitic SE.

Introdução

Nas aulas da disciplina Língua Portuguesa, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, ao se abordar a temática de vozes verbais e, conseqüentemente, de construções ativas e passivas, enfatiza-se a alternância entre o papel semântico que o

¹ Mestra em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cursa Doutorado em Língua Portuguesa na mesma instituição. (Rio de Janeiro-RJ - CEP 21941-917). E-mail: eneilesaraiva@yahoo.com.br

sujeito exerce: seja ele agente, no primeiro caso, ou paciente, no segundo. Entretanto, pouco é falado sobre as funções discursivas inerentes a construções passivas, principalmente no que diz respeito às formações sintéticas, que utilizam a estrutura formada por verbo transitivo direto + clítico SE.

Constata-se que, para a exemplificação do fenômeno de passivação, recorre-se a sentenças estereotipadas para que, no caso das analíticas, o discente consiga observar a alternância de posição entre o termo que exerce função sintática de sujeito e o que exerce função de objeto direto, como nas seguintes sentenças:

Ex.1: João leu o livro
Sujeito Verbo Complemento (objeto direto)

Ex.2: O livro foi lido por João
Sujeito Locução Verbal Agente da passiva

No caso das passivas sintéticas, são utilizados enunciados clichês, tais como: Vende-se casa/Vendem-se casas/ Aluga-se casa/ Alugam-se casas, em que, na sequência, há a informação sobre o termo projetado, que exerce a função sintática de sujeito, e, se possuir marca de plural, o verbo também deverá apresentar a flexão.

Espera-se que o aluno diferencie uma construção passiva sintética – formada pelo verbo transitivo direto + partícula apassivadora SE (que aciona relação de concordância entre sintagma nominal - doravante SN - plural e forma verbal) – de uma estrutura de indeterminação com o clítico SE (como no exemplo “Precisa-se de funcionários”) desenvolvida por um verbo transitivo indireto + partícula SE, em que ela funcionaria como índice de indeterminação do sujeito.

Neste artigo, visa-se avaliar se os materiais didáticos e paradidáticos, ao abordarem a questão das formações passivas analíticas ou sintéticas, atentam para a função discursiva e se refletem o que apontam os estudos linguísticos recentes sobre essas estruturas, por exemplo, a tendência ao não preenchimento do termo “agente da passiva”, (não) concordância entre verbo transitivo direto + clítico SE e sintagma nominal plural.

Pressupostos teóricos

Este estudo possui orientações funcionalistas e, dessa maneira, acredita-se na definição de língua como um instrumento de interação. Assim, interessa-nos o tratamento das construções linguísticas durante o ato comunicativo, considerando aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos para, de tal modo, avaliar de que maneira o conhecimento linguístico é colocado em prática no momento da enunciação.

Para Dik (1989), na abordagem funcionalista, busca-se avaliar como o usuário da língua “opera”, isto é, avaliam-se os fenômenos linguísticos e a forma como o enunciador estrutura suas sentenças. Assim sendo, essa contribuição é pertinente para este estudo que procura considerar, no ensino de construções passivas, a observação das intenções de uso das referidas construções.

Importam para este estudo os preceitos de *função de tema*, elemento que organiza o enunciado (na ordem canônica do Português SVO, geralmente, cabe ao sujeito essa função) como um ponto de partida, configurando-o como uma mensagem e *função de rema* que seria a informação que vem na sequência, ou seja, o *tema* estabelece o contexto para o que vem a seguir, o *rema*. (Halliday, 1994). Para Hawad (2004, p.99):

A *voz passiva analítica* apresenta-se, assim, como um recurso léxico-gramatical para desvincular as funções de Sujeito e Tema, de um lado, da função de Agente, de outro. Representa desse modo, simultaneamente, um meio para tematizar o Objeto (“Goal”, na terminologia de HALLIDAY), que é o participante paciente de um processo verbal, e uma possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente. Esses dois aspectos constituem dois traços do significado de *voz passiva analítica* - relacionados, porém distintos. A *voz passiva sintética* por outro lado, oferece a possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente, mas não a possibilidade de tematizar o Objeto, uma vez que, na ordem não-marcada, é o Processo que ocupa a posição temática - a primeira posição oracional. [Grifo nosso] (HAWAD, 2004, p.99)

Dessa maneira, nos estudos de vozes verbais, é plausível considerar que a passivação não traz para o enunciado uma relação de sinonímia perfeita com a estrutura

ativa. Por essa razão, é importante aliar ao estudo das construções passivas as motivações do emissor para o uso de tais estruturas.

O uso de construções passivas

Durante o desenvolvimento da Língua Portuguesa, o não preenchimento do termo sintático “agente da passiva” foi se estabelecendo nas construções passivas. Sobre essa questão, Said Ali (1908, p. 98) faz a seguinte observação:

(...) aluga-se esta casa e esta casa é alugada exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Ha um meio muito simples de verificar isto. Colloque-se na frente de um predio um escripto com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escripto contendo os dizeres esta casa é alugada. Os pretendentes encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está habitada. O annuncio desta parecerá superfluo, interessando apenas aos suppostos moradores, que talvez queiram significar não serem elles os proprietarios. Se o dono do predio completar, no sentido hypergrammatical, a sua taboleta deste modo: esta casa é alugada por alguém, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escripto expõe ao público (SAID ALI 1908:98).

Todavia, nos estudos tradicionais da formação de voz passiva, no caso da analítica, solicita-se que o aluno tenha sempre em mente a alternância da sentença com a sua correspondente ativa e, no caso das sintéticas, alerta-se para o cuidado de se verificar o fator da transitividade verbal como o diferencial que acionaria a concordância no caso de VTD + SE + SN plural.

Tanto em construções ativas (verbo intransitivo ou transitivo indireto + clítico SE) como em construções passivas (verbo transitivo direto + clítico SE), o argumento externo estará sempre indeterminado. De acordo com Duarte (2008, p. 197):

[...] o pronome se é sempre utilizado para indeterminar o argumento externo, seja numa construção ativa (em que o sujeito indeterminado é o próprio argumento externo), seja numa construção passiva (em que o argumento interno funciona como sujeito gramatical). (DUARTE, 2008, p. 197)

Bagno (2001, p. 126), ao refletir sobre a discrepância na nomenclatura “passiva sintética/passiva pronominal”, destaca que:

todos os estudos científicos empreendidos em torno desse tema, de Said Ali até hoje têm se empenhado em demonstrar a urgente necessidade de se interpretar o se nestas orações como um recurso de que a língua dispõe para indicar a indeterminação do sujeito. A nomenclatura que ainda usa conceitos como “se apassivador”, “passiva sintética” e “passiva pronominal” é inteiramente descabida (BAGNO, 2001, p. 126).

Desse modo, as construções passivas precisam de uma análise que compreenda aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos e os exemplos selecionados pelos compêndios gramaticais, geralmente, dispensam a complexidade das formações realizadas pelos usuários da língua.

É alto o índice do uso de construções passivas sintéticas no texto acadêmico/científico (Cf. MACHADO VIEIRA, SARAIVA, 2011) e há a tendência a marcação de plural na forma verbal, embora até seja considerável o percentual de não concordância. A função discursiva dessas construções remete a impessoalização do discurso, ou seja, parece que o usuário da língua visa obter um maior distanciamento da opinião apresentada e, assim, evita-se o uso da primeira pessoa nos textos acadêmicos, como se pode observar no seguinte exemplo:

EX.3: Nesse capítulo, *destacam-se* [os princípios funcionais de iconicidade emarcação e as propriedades a eles relacionadas], a saber: informatividade e planos discursivos (figura/fundo). [Dissertação de mestrado, Letras, UFRJ, 2008].

Nota-se que, após a construção “*destacam-se*”, são elencados os elementos que foram relacionados pelo autor do texto para a produção do capítulo em questão da dissertação. Dessa forma, evita-se a construção com a primeira pessoa (Eu destaco...) e o próprio enunciador exerceria o papel de agente da passiva (não preenchido, como se observa ser a norma de uso). Entretanto, os materiais didáticos e paradidáticos, geralmente, não fazem menção às motivações de uso discursivas de estruturas passivas, o que torna o seu ensino nas salas de aula “mecânico”. Schere (2005, p 80) destaca que:

[...] hoje, a estrutura classificada como passiva sintética – joga-se búzios ou jogam-se búzios; doa-se filhotes ou doam-se filhotes; cobre-se botões ou cobrem-se botões; analisa-se dados ou analisam-se dados – não é passiva sintética; é, sim, predominantemente, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado, semelhante a outras estruturas irmãs do tipo: No Brasil, precisa-se urgentemente de reforma agrária e vive-se bem nesta terra. A forma verbal plural nas estruturas denominadas passivas sintéticas é variável e ocorre, segundo a tradição, por —atração ou por falsa concordância com o objeto direto, em função

do conhecimento da norma-padrão, a norma codificada, ou seja, em função do conhecimento da gramática normativa da língua portuguesa. (SCHERE, 2005, p. 80)

O uso de construções passivas analíticas proporciona a alternância de papel semântico do sujeito. Portanto, esse termo sintático geralmente exerce papel de “ator” nas construções ativas (possui a responsabilidade pela ação) e passa, na passivação, a exercer o papel de “meta” e, dessa forma, há um foco informacional sobre a ação realizada e não sobre quem a realizou². Observe os exemplos a seguir:

Ex.4: Seis homens *foram presos* suspeitos de participação nas ações, e três morreram em confronto com a polícia. Quatro prisões ocorreram no sábado, no Bairro Vila União e no Centro da capital. [Notícia “Ceará tem madrugada de ataques a prédios públicos e 50 veículos são incendiados”, Jornal Extra, Ed. Online³, 25/03/2018].

Ex.5: Em pouco mais de seis meses, mais de 50 pessoas *foram mortas* a tiros na comunidade da Rocinha, na Zona Sul do Rio. A maior parte das vítimas eram criminosas, segundo a Polícia Militar. [Notícia “Em seis meses, mais de 50 pessoas foram mortas na Rocinha, diz PM”, Portal de Notícias G1⁴, 23/03/2018].

Ao se analisar o exemplo 4, percebe-se que o foco informacional está sobre o número expressivo de indivíduos que foram detidos e não em quem praticou a ação (policiais). Ainda, é possível notar que o agente da ação é intuitivamente recuperado pelo leitor, através do contexto e, assim, o preenchimento do termo agente da passiva seria redundante. Para Hawad (2004, p. 108):

Outro tipo de motivação para o emprego de voz passiva analítica liga-se ao foco relativo dado ao Agente. A intenção de ocultar o Agente é clara em muitas das ocorrências que não apresentam o constituinte “agente da passiva”. Nesses casos, a opção por voz ativa obrigaria o falante/escritor a mencionar o participante Agente, o que se deseja evitar, seja porque tal participante está claro no contexto (e, assim, sua

² Cf. Halliday;Matthiessen (2004)

³ Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/ceara-tem-madrugada-de-ataques-predios-publicos-50-veiculos-sao-incendiados-22525259.html> Acesso em 25 de março de 2018.

⁴ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/em-seis-meses-mais-de-50-pessoas-foram-mortas-na-rocinha-diz-pm.ghtml> Acesso em 25 de março de 2018.

menção acarretaria redundância), seja porque a identidade específica do Agente é irrelevante ou desconhecida. (HAWAD, 2004, p. 108)

Já no exemplo 5, também se apreende que o foco informacional está sobre o alarmante número de pessoas assassinadas na comunidade da Rocinha (Rio de Janeiro) e há, mais claramente, a indeterminação acerca dos agentes da ação (por dedução, policiais ou criminosos em disputas territoriais) e, seriam assim, “de identidades desconhecidas”. Entretanto, em ambos os exemplos, há, com o uso da voz passiva analítica, destaque para os dados numéricos.

É coerente considerar esses usos em sala de aula, além dos enunciados que são tradicionalmente apresentadas nos materiais didáticos, para que, dessa forma, o ensino busque as motivações para o acionamento de estruturas de passivação.

Análise dos materiais didáticos e paradidáticos

No primeiro livro analisado, *Português: contexto interlocução e sentido* (vol. II), destinado às séries regulares do ensino médio, as vozes verbais são descritas no capítulo 18 (Verbos) na seção “As noções de voz e aspecto verbal” e a voz passiva é descrita da seguinte maneira:

diz-se que o verbo está na voz passiva quando o sujeito é o paciente do processo expresso pelo verbo, ou seja, esse sujeito sintático sofre a ação verbal. Apenas os verbos transitivos diretos, que sintaticamente têm como complemento objetos diretos, podem expressar voz passiva. (ABAURRE *et al*, 2016, p. 227)

Na sequência, as autoras apresentam as definições de passivas analíticas e sintéticas. Para a exposição da primeira, descrita pela característica de ser formada por uma locução verbal (formada pelo verbo ser + particípio passado do verbo principal) faz-se uso de um quadrinho do personagem Garfield e a seguinte sentença é utilizada para exemplificação: “[...]os gatos sempre acabam sendo salvos”, como se pode observar a seguir:



Imagem 01: Tirinha do Garfield⁵

Primeiramente, é feita a correlação com a voz ativa “[...] alguém sempre acaba salvando os gatos” e explica-se que “a opção pela voz passiva faz com que o sujeito sintático [os gatos] ganhe destaque na construção e “[...] torna-se desnecessária a explicitação do agente da ação verbal, pois o que Garfield quis dizer é que os gatos, por serem especiais, sempre são salvos” (ABAURRE *et al*, 2016, p. 227) e, assim, faz-se referência à função discursiva da voz passiva no texto.

Para a apresentação da voz passiva pronominal ou voz passiva sintética, descrita como sendo aquela formada pelo acréscimo do pronome pessoal “SE” a uma forma verbal de 3º terceira pessoa, recorre-se a uma tirinha, com personagens da animação do Snoopy, reproduzida a seguir:

Imagem 02: Tirinha do Snoopy⁶

As seguintes sentenças: “Vende-se refrigerante”, “Vendem-se flores”, “Vende-se limonada”, “Vendem-se ossos” são utilizadas para exemplificar que, “por ser tratar de uma estrutura passiva, o verbo transitivo está no singular ou no plural, a depender da flexão de número do sujeito (Refrigerante é vendido, Flores são vendidas)” (ABAURRE *et al*, 2016, p. 280).

Na referida obra, o exercício que aborda o trabalho com as vozes verbais solicita que o aluno transcreva a seguinte sentença, presente em uma tirinha⁷ do personagem Níquel Náusea: “Jaiminho foi mimado pelas suas titias”. Posteriormente, é solicitado que o aluno identifique qual é o agente da ação.

No segundo material analisado, *Língua Portuguesa e Literatura Vol.1* (Mód. II), produzido para a utilização em turmas da Educação de Jovens e Adultos da rede

⁵ DAVIS, J. *Garfield: toneladas de diversão*. Porto Alegre, LEPM, 2006, p. 102.

⁶ SCHULZ, C. M. *Peanuts completo: 1950-1952*. Trad. de Alexandre Bolde, Porto Alegre: LEPM, 2014, p. 5

⁷ GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/> Acesso em 10 de junho de 2018.

pública estadual do Rio de Janeiro, na seção 5, “As vozes verbais a partir de textos jornalísticos de opinião e a voz passiva sintética”, há a seguinte definição:

vozes verbais são modos de determinação do verbo que indicam se o sujeito realiza ou sofre a ação de um verbo. Duas são as vozes possíveis: voz ativa, quando o sujeito realiza a ação do verbo, voz passiva, quando o sujeito sofre a ação do verbo. (BRASILEIRO et al, s/a, p. 71).

A seguinte sentença é destacada para a elucidação de ocorrência da voz passiva: “Poucos esforços foram feitos para que os problemas com as chuvas não se repetissem, mas a tragédia final não foi evitada”. E a seguinte ponderação é feita: “Não são os esforços que fazem algo, mas eles são feitos, assim como não é a tragédia que evita algo, mas é ela que é ou não é evitada”. (BRASILEIRO et al, s/a, p. 71). Na sequência, é proposto um exercício em que o aluno é orientado a passar determinadas frases da voz ativa para a voz passiva, como demonstra a imagem abaixo:

Passe as frases abaixo da voz passiva para a voz ativa.

Orientar-se pelo exemplo abaixo:

O time ganhou (voz ativa) o jogo, apesar de ter saído em desvantagem.

O jogo foi ganho (voz passiva) pelo time, apesar de ter saído em desvantagem.

1. Nós compramos o terreno depois de muito sacrifício.
2. As ondas arrasaram a cidade em menos de 10 minutos.
3. João leu duas vezes o livro e adorou.
4. Darwin descobriu novas espécies em sua viagens pelo mundo.
5. O arquiteto reformou completamente a casa.

Imagem 3: Atividade 5 do livro Língua Portuguesa e Literatura Vol.1

Já a definição de passiva sintética apresentada é: “como o nome mesmo diz, ela é uma voz passiva não desdobrada, mas concentrada” (BRASILEIRO et al, s/a, p.73) em que não se usa o verbo ser (verbo auxiliar) + o verbo principal no particípio e se emprega antes a partícula “se” e, para exemplificação, são utilizadas as seguintes orações: “O carro foi comprado” (voz passiva analítica) e “Comprou-se o carro” (voz passiva sintética). Por fim, há um exercício, reproduzido abaixo, que solicita que o aluno transforme frases passivas analíticas em sintéticas:

Transforme as orações da voz passiva sintética para a voz passiva analítica: Vejamos mais um exemplo antes disso!

Consertam-se cadeiras = Cadeiras são consertadas

1. Vendem-se casas.

2. Compram-se carros.

3. Procura-se vendedor com experiência.

4. Alugam-se vestidos de noiva.

5. Ensinam-se português e matemática.

Imagem 4: Atividade 6 do livro *Língua Portuguesa e Literatura Vol.1*

Nos exercícios propostos, nota-se a importância dada à permuta nos seguintes casos: (i) entre sentenças ativas e suas “correspondentes” passivas e (ii) entre construções passivas analíticas e suas “correspondentes” sintéticas, mas não foram observadas atividades que orientem para as perspectivas semânticas e pragmáticas que orações passivas e ativas podem apresentar e nem para a tendência ao não preenchimento do termo “agente da passiva”.

Nos *sites* que disponibilizam materiais para pesquisas escolares⁸, foi possível perceber que o padrão encontrado nos livros didáticos para a descrição da voz passiva se mantém. Constam as seguintes explicações no *site Brasil Escola*:

- **Voz passiva**

Nela, a situação inverte-se, pois o sujeito torna-se paciente, isto é, ele sofre a ação expressa pelo fato verbal. Vejamos:

A notícia foi lida pelo repórter.

notícia: **sujeito agente**
foi lida: **verbo na voz ativa**

Podemos perceber que o agente, nesse caso, foi o repórter, que praticou a ação de ler a notícia.

A voz passiva apresenta-se em dois aspectos:

⇒ **Voz passiva sintética**: formada por um verbo transitivo direto (ou direto e indireto) na terceira pessoa (do singular ou plural) mais o pronome “se” (apassivador).

Exemplo:

Praticaram-se ações solidárias.

Praticaram-se: **voz passiva sintética**
Ações solidárias: **sujeito paciente**

Imagem 5: Site Brasil Escola

⁸ Pontua-se que, tanto no *site Brasil Escola* quanto no *Só Português*, não há propostas de exercícios.

Elucida-se que, quando há voz ativa, o sujeito passa a ser paciente e “sofre a ação expressa pela forma verbal” e por meio da sentença “A notícia foi lida pelo repórter” busca-se corroborar a referida explicação. E, quando se trata de voz passiva sintética, diz-se apenas que a mesma é formada “por verbo transitivo direto (ou direto e indireto) na terceira pessoa do singular ou plural mais o pronome “se” apassivador” e utiliza-se a seguinte frase para exemplificação: “Praticaram-se ações solidárias”.

Por fim, no site *Só Português*, também está presente a informação de que o sujeito na voz passiva verbal não pratica a ação, sendo assim paciente e existe uma seção que se ocupa de explicar a conversão da voz ativa na passiva. Sobre as construções sintéticas, aponta-se que são formadas por verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador “se” e ressalta-se que o agente não costuma vir expresso, como se observa abaixo:

2- Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE. Por exemplo:

Abriam-se as inscrições para o concurso.

Destruiu-se o velho prédio da escola.

Obs.: o agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Imagem 6: Site Só Português

Após observar como a temática é desenvolvida nos referidos materiais didáticos, percebe-se que há uma exaustiva preocupação com a estruturação sintática das construções passivas e em capacitar o aluno a identificar sentenças passivas e fazer a alternância da mesma para a voz ativa, atentando para o fato de ora o sujeito exercer papel semântico de agente (na voz ativa), ora de paciente (na voz passiva). Assim, a função discursiva da voz passiva quase não é abordada e pouco se considera sobre como ela realmente é acionada pelos usuários do Português brasileiro.

Proposta de ensino

Nos estudos da formação de voz passiva, alerta-se para o cuidado de se verificar o fator da transitividade verbal como o diferencial que acionaria a concordância no caso de VTD + SE + SN plural, já que estaríamos diante de uma construção apassivadora, o que não ocorreria com o verbo transitivo indireto + SE (Ex:

Precisa-se de funcionários), em que teríamos o clítico como “indeterminador do sujeito”. Entretanto, tanto em construções ativas (verbo intransitivo ou transitivo indireto + clítico se) como em construções passivas (verbo transitivo direto + clítico se), o argumento externo estará sempre indeterminado.

Perini (2011), ao analisar a sentença “Come-se pizza no Natal”, aponta que esse tipo de oração apresenta “a dificuldade de não ter uma análise clara”, pois há o questionamento se sujeito seria “pizza” ou se a oração seria sem sujeito. Sobre seguintes exemplos, o autor traça as seguintes considerações:

(23) Come-se pizzas no Natal (24) Comem-se pizzas no Natal Os gramáticos normativos aconselham (24) e muita gente os segue. Mas isso deve ser um fenômeno basicamente escolar; não creio que haja pessoas que aprendam nativamente a produzir frases como (24). Desse modo, uma gramática do português que consigne (24) como a única forma aceitável está escondendo fatos [e também uma gramática que condene (23) como incorreta está perdendo tempo]. (PERINI, 2011, p.271)

As funções das construções com clítico SE precisam ser apresentadas ao aluno, inclusive a sua característica de indeterminar o agente da ação verbal e, dessa forma, deve-se considerar que a construção passiva altera a perspectiva de um evento, de acordo com as características de um determinado discurso.

Em relação às passivas analíticas, é importante também que o aluno perceba, na análise das sentenças, as razões para se colocar o foco narrativo sobre a “meta” e deixar o preenchimento vazio para o termo agente da passiva, que é a tendência de uso no português brasileiro.

Ainda, parte-se do princípio de que as construções em estudo precisam de uma análise que compreenda realidades de uso e os exemplos selecionados pelos compêndios gramaticais dispensam a complexidade das formações passivas realizadas pelos usuários da língua.

Para Camacho (2006, p. 167-168):

De um ponto de vista tipológico, as construções de voz exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais. É justamente em função dessa complexidade que a tipologia linguística tem preferido definir voz como um domínio multifuncional, com base no princípio de que a pesquisa trans-sistêmica não pode partir da forma, que nem sempre é a mesma nas

diferentes línguas, mas de domínios funcionais, que são codificados por uma variedade de formas. (CAMACHO, 2006, p. 167-168)

Dessa maneira, Camacho (2006, p. 169) considera que “a gramática normativa ganha em precisão e qualidade se adotar uma perspectiva escalar para suas categorias”. Assim, em seu estudo, o pesquisador propõe que as construções de voz sejam interpretadas a partir da adoção de perspectivas pragmáticas e semânticas, em que a primeira terá como parâmetro a relativa topicalidade de agente e paciente com base na proposta de Givón (1981) e a segunda abordará o grau de distintividade dos participantes no evento transitivo, tal como proposto por Kemmer (1994).

Para Duarte (2008 p. 201), “[...] cabe ao professor levar o aluno a produzir sentenças a partir de predicadores verbais e nominais e torná-lo capaz de identificar os padrões sentenciais de sua língua [...]”. Assim, no caso das construções passivas, tanto analíticas quanto sintéticas, é pertinente que, durante as aulas de língua portuguesa, o aprendiz entre em contato com enunciados oriundos de situações reais de uso, presentes nos mais diversos gêneros textuais, para que ele perceba as motivações de uso e que também produza sentenças na voz passiva, com consciência da escolha que faz.

Considerações finais

Seria coerente, na abordagem de construções passivas analíticas ou sintéticas, capacitar o aluno a não somente identificar tais estruturas, mas perceber a forma como são acionadas pelo usuário da língua.

Nesta perspectiva, acredita-se que o ensino de voz passiva seja mais coeso quando há a junção de enfoques semânticos e pragmáticos, que devem ser atrelados à perspectiva da análise sintática, que parece ser a privilegiada nos materiais didáticos e paradidáticos analisados.

Dessa maneira, os exercícios a serem propostos, devem ter como base exemplos reais de uso, recolhidos de notícias, reportagens, crônicas, textos acadêmicos, entre outros, para que seja dado maior enfoque às motivações de uso de construções passivas, tal como uma estratégia de indeterminação do discurso.

Há uma tendência, principalmente na modalidade oral do português brasileiro, a não flexionar o verbo em construções passivas com SN plural. De acordo com estudos relativos ao tema, a construção impessoal (com a não concordância entre SN plural e

predicador) passou a superar a construção passiva (com concordância entre predicador e SN plural) a partir do século XIX (Cf. NUNES, 1990), o que, teoricamente, reforça a hipótese de que o falante interpreta o SN selecionado (argumento interno) funcionando como objeto direto, já que o agente, papel temático mais prototípico do sujeito, está indeterminado.

É preciso demonstrar em sala de aula, a partir de exposição de dados de pesquisas sociolinguísticas que versem sobre o tema (cf. MACHADO VIEIRA, SARAIVA, 2011), a alternância entre as variantes com concordância ou sem concordância nas construções passivas sintéticas e direcionar o aluno ao pensamento crítico sobre o uso das estruturas com clítico SE.

Desse modo, um caminho para a abordagem de construções passivas em sala de aula, como complementação ao material didático, que foca prioritariamente na estruturação formal, seria o trabalho com os mais diversos gêneros textuais, a fim de possibilitar que os alunos percebam a função das estruturas passivas.

Não é suficiente que o discente saiba diferenciar uma sentença na voz ativa ou na passiva e fazer a transposição de uma em outra. É preciso compreender o uso dessas construções, em situações reais de comunicação, para que o estudante esteja apto a reconhecê-las e utilizá-las, considerando motivações discursivas e pragmáticas.

Referências

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

CAMACHO, R.G. “A gradação tipológica das construções de voz”. In.: **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 21, p. 167-189, 2. sem. 2006. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/307/308>> Acesso em 09 de junho de 2018.

DIK, Simon C. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI -USA, Foris Publications, 1989.

DUARTE, M. E. L. Termos da oração. In: VIEIRA, SR; BRANDÃO, SF. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2008.

GIVÓN, T. “Typology and functional domains”. In.: **Studies in Language**, [S.l.], v. 5, p. 163-193, 1981.

HALLIDAY, M. A. K. e C. M. I. M. Matthiessen. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HAWAD, H. F. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. **DELTA**, Jun 2004, vol.20, no.1, p.97-121. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000100005> Acesso em 22 de fevereiro de 2018.

KEMMER, S. "Middle voice, transitivity and the elaboration of events". In: FOX, B.; HOPPER, P.J. (Ed.). **Voice: form and function**. Amsteram: John Benjamins, 1994.

MACHADO VIEIRA, M. S.; SARAIVA, E. S. A concordância de número em estruturas passivas pronominais no Português Brasileiro. In: **Anais do XVI Congresso Internacional de la ALFAL** - Associação de Linguística e Filologia da América Latina, Alcalá de Henares, Madri, 2011.

NUNES, J. M. **O Famigerado SE**: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1990.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**, 4. ed. São Paulo: Ática, 2011.

SAID ALI, M. O pronome Se. In: **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966[1908].

SCHERE, M. M. P. **DOA-SE lindos filhotes de poodle** – variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Materiais didáticos e paradidáticos consultados

ABAURRE, M. L. M *et al.* **Português: contexto, interlocução e sentido**, 3 ed., Vol 2, São Paulo: Moderna, 2016.

BRASILEIRO, C. *et al.* **Língua Portuguesa e Literatura Vol.1 (Mód. II)** – material do aluno. Secretaria de Estado e Educação do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, Fundação CECIERJ. Rio de Janeiro, s/a Disponível em: <http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/material-aluno/modulo-02/Miolo_Lingua_Portuguesa_e_Literatura_Nova_Eja_Aluno_Mod02.pdf> Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

Vozes do verbo. **Site Brasil Escola** Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/vozes-verbais.htm>> Acesso em 05 de fevereiro de 2018.

Vozes do verbo. **Site Só Português** Disponível em: <<https://www.soportugues.com.br/sessoes/morf/morf72.php>> Acesso em 05 de fevereiro de 2018.